

A inserção feminina por meio da escrita nos jornais de Divinópolis: o caso “Estrella da Oeste”

Nayara Aparecida Moura¹
João Ricardo Ferreira Pires²

O LAPSO DA HISTÓRIA DAS MULHERES

Para que a história seja escrita é necessário primeiramente que o historiador tenha acesso a fontes, documentos, indícios de que algo aconteceu. Um amontoado de cinzas que possa indicar que antes, naquele lugar, houve uma fogueira. Um rabisco de papel, uma nota esquecida... vestígios de um passado qualquer. Nesse contexto, escrever sobre a história das mulheres se torna uma missão quase impossível. Apagadas da história e silenciadas pela sociedade durante muitos anos, as mulheres se comparavam a fantasmas invisíveis que andavam pelo mundo sem de fato o tocar; sem deixar rastros.

No século XIX, as mulheres ainda não eram consideradas como pessoas, mas como coisas. Propriedades masculinas. Tanto que o casamento era mais um ritual de transferência de posse do que um sinal de amor; primeiro a mulher pertencia ao pai, depois ao marido. Por isso, o casamento requeria a mudança do sobrenome da mulher, um alto valor de dote e a entrada na Igreja pelas mãos do pai que a entregava às mãos do noivo, no altar. Os feitos, méritos e escritos femininos foram destruídos ou atribuídos a autorias masculinas e hoje temos que vasculhar o passado como quem procura uma agulha num palheiro para encontrar registros propriamente femininos.

O fato de lhes terem a educação negada durante séculos e serem consideradas incapacitadas para tudo o que não concernisse à vida domiciliar, contribuiu para a criação desse vazio relacionado à história das mulheres. Além das questões gramaticais, como quando há mistura de gêneros e prefigura-se a palavra *eles*, no masculino, apagando *elas* e o fato de perderem seus sobrenomes após o

¹ Graduada em História pela UEMG – Unidade Divinópolis

² Mestre em História pela UFMG. Professor – UEMG – Unidade Divinópolis

casamento para assinarem o nome do marido, o que impossibilita que linhagens femininas sejam construídas.

Em contrapartida, existe uma imensidão de discursos representativos como textos, poesias, pinturas, esculturas, fotografias... sobre o que são as mulheres e de como elas devem se comportar. Em sua maioria, são obras que retratam a visão masculina sobre a mulher e quase nunca a visão da mulher sobre elas mesmas: como se veem, como se sentem e como pensam.

Aí está a ênfase na realização de análises que visam captar o imaginário sobre as mulheres, as normas que lhes eram impostas e até mesmo a apreensão de cenas do seu cotidiano, porém tudo sob o olhar masculino.³ Assim, escrever de fato sobre a história das mulheres é como romper com o silêncio no qual elas estavam confinadas no passado⁴.

A linha historiográfica positivista do final do século XIX contribuiu ainda mais para que a história de mulheres ficasse adormecida. Privilegiando as fontes administrativas, militares e diplomáticas, a linha positivista procurava desenvolver uma história voltada exclusivamente para a política e para o domínio público, lugares onde as mulheres raramente apareciam e quase não tinham participação ativa.

A *Escola dos Annales* veio rompendo com essa visão positivista de fazer história. Buscando trabalhar a história cotidiana ao invés de idealidades abstratas, os *Annales* se desprenderam de uma racionalidade universal existente na época e voltaram seus olhares para o humano, tangível, nos nuances de sua humanidade. Esse rompimento ideológico não incorporou as mulheres à linha historiográfica dos *Annales*, mas foi uma porta de acesso para que esse estudo se efetivasse num futuro não muito distante.

Durante a década de 60, correntes revisionistas marxistas⁵ vinculados à história social e a onda dos movimentos feministas que ganharam força no mundo todo, contribuíram para o aparecimento da História das Mulheres. Ao assumirem como objeto de estudo os grupos sociais anteriormente esquecidos pela história, além do estudo dos movimentos sociais e das massas populares, se

³ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 428

⁴ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

⁵ Sobre o marxismo revisionista, ver THOMPSON, E.P. "*La Sociedad Inglesa del Siglo XVIII: Lucha de Clases sin Clases?*" *Revolución, tradición, y conciencia de clase*. Barcelona: Ed. Critica Grijalbo, 1979; DAVIS, Natalie. *Visions of history*. Nova York: Panteon Books, 1984

encontram também o estudo das mulheres do povo e a busca pelo resgate das múltiplas identidades assumidas por elas ao longo da História.

A MULHER E O TRABALHO

As mulheres das camadas populares sempre trabalharam, tanto no contexto rural quanto no urbano. Crenças como mulheres não trabalham e que o trabalho pesado não é adequado ao sexo feminino, juntamente com os estereótipos da invisibilidade do trabalho doméstico e a romantização da vida materna significando-a como algo instintivo e emanado de amor, são próprios da era vitoriana, no Reino Unido; período em que se supervalorizava a esfera pública⁶.

Além do trabalho doméstico, uma série de trabalhos essenciais, remunerados ou não, eram desenvolvidos pelas mulheres, como o trabalho no campo, a costura e a criação dos filhos. Algumas mulheres realizavam os partos e eram reconhecidas socialmente por *parteiras* (profissionais de parto), ajudavam nas despesas de casa com a criação e venda de galinhas, ovos e vegetais, manufaturavam e vendiam bebidas alcoólicas, penhoravam, aceitavam pensionistas e, durante o período industrial, cuidavam de crianças para que outras mulheres pudessem trabalhar⁷.

Em relação à escravidão, as mulheres escravas estavam sujeitas às mesmas condições que os escravos homens: trabalho pesado e forçado, severas punições, atos de resistência cotidiana e rebeliões organizadas. Já durante o ciclo do café, no Brasil, a costura de sacos cafeeiros realizados à mão por mulheres paulistanas dentro do próprio lar⁸ foi um trabalho essencial para o setor econômico da época. Apesar disso, disseminava-se socialmente o não reconhecimento dessas práticas femininas como trabalho, mesmo que em grande parte elas fossem remuneradas.

⁶ CARDOSO, op. cit. p. 414.

⁷ Strasser, Susan. Never done. A history of american housework. Nova York: Pantheon Books, 1982; Kessler- Harris, Alice. Women have always worked: historical overview. Nova York: Feminist Press, 1981; Bayandal, Gordon e Reverby. America's working women: a documentary history. Nova York: Random House, 1976.

⁸ MATOS, Maria Izilda Santos. Santos, o porto do café: cidade, cotidiano e trabalho. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1313/1018>.

IMPrensa e inserção feminina

Privadas de participarem efetivamente na vida social das cidades e impossibilitadas de ocuparem cargos públicos, a realidade feminina no Brasil até o século XIX era marcada por uma intensa submissão e inferioridade. Não que isso tenha mudado de um dia para o outro; durante anos ainda lhes foram proibidos o acesso à educação superior, a sobrevivência através de seu trabalho e até mesmo o poder de decisão sobre a própria vida.

Porém, é nesse contexto da segunda década de oitocentos, seguindo as tendências europeias desde o século XVII, que aparecem os primeiros periódicos dedicados ao público feminino no Brasil. Essa primeira fase periódica é composta predominantemente por publicações masculinas, como *O Espelho Diamantino* (1827), *O Mentor das Brasileiras* (1829), *Espelho das Brasileiras* (1831); os exaltados *A Mulher do Simplicio* (1832), *A Filha Única da Mulher do Simplicio* (1832); e o caramuru *A Mineira no Rio de Janeiro* (1833).

Segundo Giselle Ambrósio, esses periódicos que eram mais acessados pela elite brasileira devido ao seu custo e à alta taxa de analfabetismo das camadas populares, foram o início da formação de uma classe feminina leitora de jornais.

Os jornais, portanto, passavam a convidar a face mais privilegiada do gênero feminino, isto é, as mulheres letradas, conforme as palavras do *Espelho Diamantino* “as mais habeis” ou no discurso do *O Mentor das Brasileiras* as “estudiosas Brasileiras”, a passarem algum tempo durante os dias lendo suas folhas repletas de instrução (política, cívica, moral...), de argumentos contra a malícia de seus detratores e de entretenimento (novidades literárias, moda...)⁹

Já na segunda metade do século XIX, começaram a surgir os primeiros jornais elaborados por mulheres e a escrita, ainda que através de pseudônimos, de mulheres em jornais de viés masculino. Dos periódicos puramente femininos, temos em Recife *A Esmeralda* e *O Jasmim* em 1850, e em 1875 *Myosotis*; no Rio de Janeiro surgiram, em 1852, o *Jornal das Senhoras*, em 1862, *O Belo Sexo*, em

⁹ GOMES, Gisele Ambrósio. Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil dos oitocentos, 1827-1846. 2009, 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto De Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

1874, *O Domingo e Jornal das Damas*; em Campanha, Minas Gerais, nasceu *O Sexo Feminino*, em 1873, em São Paulo surgiu, em 1888, *A Família* e, em 1897, *A Mensageira*.¹⁰

Esses jornais se tornaram espaços onde as mulheres podiam se expressar e compartilhar as suas ideias; ideais de caráter heterogêneo e com uma diversidade de discursos. Existiam pelo menos duas vertentes distintas de escrita feminina no Brasil: uma marcada pelo pudor e outra pelo desnudamento. A primeira, reforçava os padrões sociais da mulher mãe-esposa e por isso teve menos resistência que segunda vertente, que chocou a sociedade com a luta pela emancipação da mulher; traços considerados na época como pecaminosos, impuros e imorais.

Mesmo com toda a resistência que a sociedade do século XIX tinha com os jornais e escritas femininas, havia uma áurea de intelectualidade e visibilidade que circundavam as escritoras. A escrita em jornais equivalia ao ingresso no grupo de cidadãos ativos daquela região; dava a algumas mulheres o aval para frequentar ambientes de predominância masculina, discursar sobre política e assuntos diversos, defender a educação igualitária para moças e rapazes e outros. O jornal era uma porta, ainda que bem estreita, para que as mulheres fossem reconhecidas, respeitadas e ouvidas como pessoas naquele período, e não tratadas apenas como uma propriedade masculina.

Porém, nem todas as mulheres podiam disputar a vaga na inserção social que vinha dos periódicos. Essas escritoras eram extremamente cultas e educadas, com predominância branca e de classe média alta. O acesso à educação já as distinguiam da maior parte das mulheres da época; além de dominarem bem a leitura e a escrita, e terem tido tempo para se dedicarem a outros afazeres que não fossem os domésticos. Muitas vezes, essas escritoras recebiam influências de pais, maridos ou irmãos jornalistas¹¹.

Quanto maior a circulação do jornal, maior era o prestígio que ele tinha. Quanto maior o prestígio de um jornal, maior era o prestígio da escritora que escrevia ou colaborava nele. Assim, métodos e estilos textuais foram utilizados para cativar o leitor e impedir que o preconceito social existente atrapalhasse a venda dos jornais, garantindo mais aceitação e visibilidade à mulher escritora.

De certo modo, o romance advindo do gênero literário (poesia,

¹⁰ Idem.

¹¹ CASADEI, Elisa Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX.

poema, contos...) acabou sendo associado à figura feminina no século XIX; as características tidas por inatas do feminino como a sensibilidade, a irracionalidade e a emoção, juntamente com a imposição do amor romântico como um fator constitutivo e essencial da identidade feminina foram vinculadas às mulheres da época¹².

Com a associação feminina da literatura, em nome da honra e da masculinidade, os homens repudiavam esse tipo de leitura e deixaram o espaço aberto para que as escritoras colocassem nas leitoras questões sobre o patriarcado, trabalho, divórcio e outros. Assim, as escritoras investiram pesado na utilização do gênero literário nos periódicos para criar uma “rede feminina”, veiculando seus posicionamentos pessoais no jornal através da literatura e formando um público leitor crescente e feminino.

O fenômeno da publicação e da leitura de contos e poemas no jornal alcançou proporções extraordinárias na vivência diária e no imaginário das leitoras. Desenvolveu o estímulo sociocultural necessário tanto para a imprensa feminina que espalhava seus ideais, quanto para as mulheres que buscavam sociabilidade, respeito e inserção social. Estranho, mas real: foi o machismo da época que propiciou um caminho livre para que as ideias de empoderamento feminino circulassem nos jornais e alcançassem as mulheres da elite sem censura.

O CASO A ESTRELLA DA OESTE – DIVINÓPOLIS - MG

Em Divinópolis, cidade do Centro-Oeste mineiro que era conhecida como Princesinha do Oeste, também houve casos de inserção feminina através de jornais. O jornal *A Estrella da Oeste* iniciado no dia sete de setembro de 1922, com circulação quinzenal, contou com a escrita feminina desde a sua segunda edição, em 24 de setembro de 1922. Nessa mesma edição, o jornal estreou uma sessão reservada chamada *Sessão Feminina*, na qual Joaquina Coelho escreveu sua primeira poesia: *À minha querida mãe adotiva*.

Nada se sabe sobre Joaquina Coelho; de onde veio, onde estudou, se era casada ou não... Um buraco se estabelece na história dessa mulher, como se estabelece em boa parte da história das mulheres. O que se sabe é que Joaquina foi amiga íntima e “irmã de militância” de outra escritora do jornal: Lourdes, e que num dado momento, Lourdes supostamente se apaixonou por Joaquina.

¹² RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influencias transatlânticas?

Na terceira edição desse jornal, a Sessão Feminina trouxe a matéria *Educação na Infância*, assinada pelo pseudônimo de M. L. Teixeira.

Sobre os pseudônimos na escrita feminina, Duarte diz que

O mesmo veículo que acolheu os textos das escritoras, inicialmente sob *pseudônimos* masculinos e mais tarde assumindo a autoria própria, também foi palco de críticas e preconceitos em relação à mulher de letras, principalmente àquelas que não se enquadraram no modelo padrão de mulher a ser seguido.

M. L. Teixeira inicia a Sessão Feminina dizendo que “não devemos descuidar da formação do carácter e do desenvolvimento do gremem do bem no coração das creanças”¹³ e termina o artigo afirmando que “a professora, na escola, a aperfeiçoará dando lhes bons conselhos”¹⁴. Ao usar a palavra *creanças* em sua matéria, M. L. defende, de forma proposital e sutil, a educação igualitária para ambos os gêneros e não apenas a educação masculina que era a mais usual e aceita socialmente naquele período. Diante de tamanha oposição ao pensamento social da época, a autora se esconde atrás do pseudônimo M. L. Teixeira, vindo a assumir em edições futuras outros pseudônimos, como L. e Lulurdes; por último, a escritora assina o nome de Maria de Lourdes Teixeira.

É importante ressaltar, que as escritoras de jornais do período não só interagem, mas também encontravam força e proteção umas nas outras. Dispensando o clima de rivalidade e inveja que é propício nesse meio profissional, devido ao contexto patriarcal e machista vividos no período, as escritoras se viam como irmãs, buscando incentivar a escrita e a conquista de outras mulheres.

Percebemos isso de uma forma mais concreta na 8ª edição do jornal, quando o pseudônimo L. escreve o texto *Amisade Á Joanhina*, com os dizeres “[...] como é bello ver-se duas amigas, irmãs no pensar, alimentando os mesmos sentimentos”. Também é perceptível a declaração do amor *eros* feita por L. a Joanhina, quando a mesma diz: “É-nos a vida mais triste e espinhosa quando não temos a quem dedicar uma sincera afeição. Quando não podemos calar por mais tempo o que temos n’alma e sentimos necessidade de abrimos o nosso coração a alguém, sermos felizes [...]”¹⁵.

¹³ Jornal A Estrella da Oeste. 3ed.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Jornal A Estrella da Oeste, 8ª ed.

A resposta de Joaquina veio no mesmo jornal, na 10ª edição, quando a autora escreve o texto que estampou a primeira capa, *O Amor e a Amizade*: “À minha querida amiga e colega, Lourdes – em retribuição ao artigo que me foi dedicado”. Reafirmando a união ideológica entre as escritoras, Joaquina escreve “[...] quanto é bom compreender-se e ser-se compreendida...! Isto é o ideal...! Quanto é sublime ser uma por duas e duas por uma, pois se a união faz a força!”¹⁶.

Já em relação à declaração homoafetiva feita por Lourdes, Joaquina responde: “Lourdes, distinguiste bem; dedico-te amizade e não te amo, porque ha, como sabes, muita diferença entre o amor e a amizade”¹⁷. Em seguida, a escritora descreve o quanto a amizade é mais pura e verdadeira que o amor, dizendo que o amor é egoísta, enquanto a amizade traz paz. Como é comum no estudo de história das mulheres, não se foram encontrados mais registros sobre a vida de Lourdes ou de Joaquina, porém outras manchetes sobre assuntos diversos foram escritas por elas.

A *Sessão Feminina* do jornal *A Estrella da Oeste* se encerra na quarta edição, em 1922, com a poesia *A Esperança*, de Joaquina. Entretanto, a participação das mulheres através dos contos e poesias aumentou nas edições posteriores, chegando inclusive a estampar a primeira página do jornal como uma das matérias principais já na sétima edição, e voltou a estampar em várias outras ocasiões.

Durante os anos de circulação da primeira fase do jornal *A Estrella da Oeste*, antes da mudança dos redatores e do próprio nome do jornal, em 1927, percebemos as duas faces da escrita feminina no Brasil: o pudor e o desnudamento. O pudor em algumas manchetes em que a escritora reforçava o modelo de mãe-esposa, sensível e recatada da mulher; e desnudada através das escritoras que escreviam sobre divórcio, educação feminina, trabalho e outros temas. De toda forma, as escritoras: *Joaquina, Lourdes, Billu, P., S., Maria Casassanta, Madame Aguiar* e tantas outras mulheres escondidas no anonimato tiveram uma importância fundamental na construção do público leitor feminino no início do século XX, em Divinópolis.

Embora o jornal *A Estrella da Oeste* fosse um jornal que abordasse bem a realidade o patriarcado da época, com manchetes de porte viril escrito por homens e direcionado ao público masculino,

¹⁶ Jornal *A Estrella da Oeste*, 10ª ed.

¹⁷ Idem.

a abertura que este jornal deu às mulheres foi de extrema importância para a luta feminina e a disseminação de suas ideias na pequena cidade mineira. Através dos contos e poesias que pouco importavam para os homens, posicionamentos e reflexões valiosos foram semeados no jornal sem aguçá-la a curiosidade e a censura masculina.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASADEI, Eliza Bachega. *A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX*. Revista ALTERJOR, Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 02– Volume 01 Edição 03 – Janeiro-Junho de 2011.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. *A mulher de letras: nos rastros de uma história*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.
- GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. *ESCRÍNIO: A imprensa feminina sul-rio-grandense como produto cultural na construção da história das mulheres*. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/89.pdf>.
- GOMES, Gisele Ambrósio. *Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil dos oitocentos, 1827-1846*. 2009, 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto De Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MORAIS, Maria Arsinete Câmara de. *Leituras femininas no século XIX (1850-1900)*. Campinas, SP : [s.n], 1996.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAFAEL, Gina Guedes. *Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?* Disponível em : http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/11/pdf_42b294a12d_0000018181.pdf.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Disponível em: https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-o-Joan%20Scott.pdf.
- WOITOWICZ, Karina Janz. *Marcos históricos da inserção das mulheres*

na imprensa: *A conquista da escrita feminina*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de-2012/Marcos%20historicos%20da%20insercao%20das%20mulheres%20na%20imprensa.pdf>.

FONTES DOCUMENTAIS:

Acervo completo do jornal *A Estrella da Oeste* disponível em: *Em Redes, Portal da Memória do Centro Oeste Mineiro* <http://emredes.org.br/index.php>

Jornal: *A Estrella da Oeste* – Divinópolis, 15 de Novembro, 1922. 8º Ed. Disponível em: <http://emredes.org.br/mostrafoto.php?fotoid=52742>

Jornal: *A Estrella da Oeste* – Divinópolis, 12 de Dezembro, 1922. 10º Ed. Disponível em: <http://emredes.org.br/mostrafoto.php?fotoid=52760>
